

REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DE BALZAC E DO VALOR D'A *COMÉDIA HUMANA* PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS

Elzilaine Domingues Mendes

(Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão – UFG/RC– Catalão – GO)

Resumo

Neste artigo analisaremos como se deu a construção do nome Honoré de Balzac e qual o valor d'A *Comédia Humana* para as ciências humanas, especialmente para a psicologia e para a psicanálise. Constatamos que Balzac tem uma identidade construída à duras penas, decorrente de um incansável e imenso trabalho, mas que o permitiu construir uma sociedade inteira, descrita nos mínimos detalhes, complexa, ambígua, cheia de vícios e virtudes. Uma obra inacabada, mas em pleno movimento, tal qual a história da nossa sociedade. Balzac faz na sua '*Comédia*', vários tipos de análises: histórica, filosófica, sociológica, psicológica e política.

Palavras-chave: Honoré de Balzac; *A Comédia Humana*; Psicanálise

Abstract

Reflections on the making of Balzac and the value of *A Comédia Humana* (*The Human Comedy*) for human sciences

In this article the authors analyse how the name Honoré de Balzac was made and what value was obtained from *A Comédia Humana* (*The Human Comedy*) for the human science area, especially in psychology and psychoanalysis. The authors note that Balzac has an identity constructed in a very difficult manner, due to tireless and arduous work, but which allowed for the construction of a whole society, described in the smallest of detail, complex, ambiguous full of vice and virtue. An unfinished work, but at full pace like the history of our society. Balzac produces within his '*Comédia*' (comedy), various types of analysis: historical, philosophical, sociological, psychological and political.

Keywords: Honoré de Balzac; *The Human Comedy*; Psychoanalysis.

Introdução

Ao entrarmos em contato com a obra e a biografia de Honoré de Balzac torna-se difícil não nos interrogarmos sobre as razões que o levaram a criar uma obra monumental: *A Comédia*

*Humana*¹. Analisamos quem foi Honoré de Balzac, quais as suas ambições, as suas conquistas e, principalmente, qual a importância da sua obra para a sociedade contemporânea.

Baudoin (2005) ao interrogar “quem foi Honoré de Balzac” nos coloca várias questões. Será que ele

realmente foi um revolucionário, conforme o discurso de Vitor Hugo, pronunciado em 20 de maio de 1850, no enterro de Balzac? Nesse discurso Hugo afirma:

À sua revelia, queira-o ou não, admita-o ou não, o autor desta obra imensa e estranha é da forte raça dos escritores revolucionários. Balzac vai direto ao alvo. Agarra a sociedade moderna corpo a corpo, arranca algo a todos, a uns, a ilusão, a outros, a esperança; a estes, um grito, àqueles uma máscara. Apalpa o vício, disseca a paixão. Examina e sonda o homem, a alma, o coração, as entranhas, o cérebro, o abismo que cada um leva em siⁱⁱⁱ (Hugo, 1850/1954, p. XI).

Nesse discurso, Hugo reconhece o valor d'A *Comédia Humana* para a compreensão do ser humano, um ser antagonico, em movimento na sociedade e num constante vir a ser.

Baudoin (2005) questiona ainda até que ponto os artigos póstumos sobre Balzac são meios de promoção política de seus autores? Até que ponto Balzac é realmente reconhecido como um grande escritor? Como definir o autor d'A *Comédia Humana*?

Ao analisar as homenagens críticas e disputas após a morte de Balzac em 1850, Baudoin (2005) conclui que a imprensa contribui para as múltiplas identidades de Balzac, o que reflete a riqueza e a polissemia de uma

obra que é irredutível a uma única doutrina. Nesse contexto, Balzac resiste à institucionalização. Baudoin afirma que uma das razões da impossibilidade de se fixar uma identidade política nítida e definitiva a Balzac consiste na complexidade e riqueza do pensamento desse homem, o que nos tem permitido renovar, sem cessar essa exploração.

História de Balzac

Balzac não nasceu escritor. Ele passa a infância longe dos seus familiares e a adolescência num colégio interno, refugia-se nas leituras, encontra nos livros um lugar para a constituição da sua subjetividade. Logo que Honoré entra na juventude seus pais resolvem que ele deverá ser notário. Assim, Honoré passa a frequentar a faculdade de direito, faz um estágio no cartório do senhor Guillonnet-Merville e depois no cartório do senhor Edouard-Victor de Passez. Aos 20 anos comunica para a família o seu desejo de tornar-se escritor. Apesar do descontentamento familiar, pai e filho fazem um acordo, no qual o pai cede aos desejos de Honoré, com a condição de que ele tenha uma vida modesta, completamente dedicada aos estudos, e alojado num pequeno quarto em Paris.

Um prazo de dois anos é fixado para a conclusão desse projeto.

Dentro desse período, Honoré deveria fornecer provas inequívocas da sua vocação literária. No final de um ano, Balzac lê para a família a sua primeira obra, a tragédia *Cromwell*. A família fica decepcionada com o trabalho de Balzac e solicita a avaliação de uma pessoa especializada, o senhor Andrieux, professor de literatura, que conclui que o senhor Balzac deveria fazer qualquer outra coisa na vida, exceto literatura. Balzac não sabe escrever. Assim, desenganado por uma autoridade no assunto e, conseqüentemente, por aqueles que o conhecem, Balzac persiste na sua crença. Com o objetivo de aprimorar a sua escrita, Balzac volta para Paris. Recluso na sua pequena mansarda escreve vários trabalhos, nos quais recusa a assinar o seu nome, chegando a publicar várias obras usando pseudônimos. Descobre que não é um escritor clássico, persistindo na escrita de novelas e romances. No entanto, nesse período, o romance, as novelas ainda não adquiriram prestígio (Rónai, 1994).

Diaz (2006) explica que Balzac contribui para criar uma separação entre as suas obras iniciais, que correspondem

ao período em que ele ainda era um escritor desconhecido, e as obras que compõem o conjunto d'A *Comédia Humana*, e que o consagram como um grande escritor. Assim, antes de se tornar o autor d'A *Comédia Humana*, Honoré vai lançar mão de pseudônimos para esconder a sua verdadeira identidade.

Em 1829, Balzac publica *A Bretanha em 1799*. Começa então a fazer sucesso na sociedade parisiense. Em 1830 ele deixa de assinar Honoré Balzac e se torna Honoré de Balzac. Ele conquista a partícula 'de' com a sua pena e ela será sua para sempreⁱⁱⁱ. A partir daí, começa uma intensa correspondência com as suas leitoras, escreve romances históricos, organiza a sua obra e encontra o título para a mesma: *A Comédia Humana*.

A construção do nome Honoré de Balzac, bem como d' *A Comédia Humana* são o resultado de vários fatores, como o talento de Balzac, a sua persistência como escritor, as suas ambições e o seu incansável trabalho na construção e (re) construção da sua escrita. A criação d' *A Comédia Humana* foi um trabalho árduo que resultou do amadurecimento de Balzac como escritor.

Vários autores como: Bellessort (1946), Bertauld (1946), Hourdin (1950), Baldensperger (1958), Robb (1995), Rónai (1994) buscaram na vida e na formação de Balzac elementos que nos permitam compreender o que levou Balzac a criar uma obra gigantesca, pois como aponta Rónai (1994): “Balzac criou *A Comédia Humana* a maior fusão já conseguida da literatura com a vida real” (p. 12). Podemos então nos perguntar o que motivou Balzac na construção da sua ‘*Comédia*’ – conhecida como uma reescritura moderna d’ *A Divina Comédia* de Dante.

Para Bertauld (1946) Balzac queria ver e registrar tudo para descrever a natureza, as coisas, as pessoas com o objetivo de mostrar os mistérios de uma vida mais secreta. Ele documentava as épocas históricas sobre as questões científicas que ele queria tratar. Balzac se informava, questionava as pessoas que tinham vivido sob o *Antigo Regime*. Balzac se interessava por tudo, ele escutava as histórias dos presos e depois as descrevia. *A Comédia Humana* reproduziu todos os movimentos da vida política e social da França no período de 1789 a 1848. Esses movimentos foram observados e relatados n’*A Comédia Humana*, foram

estudados as suas causas e os seus efeitos públicos e privados.

Félix Davin, na Introdução aos *Estudos de Costumes no século XIX* (Davin & Balzac, 1835/1976), nos adverte que Balzac não pôde tudo observar, mas que ele era guiado pela intuição, um atributo raro do espírito humano^{iv}.

Para Baldensperger (1958) não podemos ignorar que as experiências de vida de Honoré de Balzac tenham contribuído enormemente para o seu sucesso, dentre elas se destacam: as leituras que ele fazia quando ficava em reclusão no colégio de Vendôme; o seu tratado sobre o poder da ‘Vontade’, que lhe foi confiscado pelos professores do colégio; as suas experiências como auxiliar nos escritórios dos notários e dos advogados, onde ele teve acesso a vários processos; a sua vida encerrada numa mansarda em Paris, na Rua Lesdiguière; os passeios noturnos pelas ruas de Paris, por meio dos quais ouvia as conversas rotineiras das pessoas humildes e as visitas ao *Père-Lachaise* onde fazia estudos sobre a dor.

Segundo Rónai (1946/1959), Sainte-Beuve foi um dos maiores críticos da arte balzaquiana, censurava as prolixidades, o estilo e a inverossimilhança em Balzac. Entretanto, Sainte-Beuve (1850/1955)

não deixou de reconhecer a fecundidade do inventor d'A *Comédia Humana*, a perfeição e força dos seus personagens, a sua capacidade de narrar com minúcia descritiva os costumes da sociedade francesa do seu tempo. Para Sainte-Beuve (1850/1955), Balzac por meio do livro: *A mulher de trinta anos* (1831-1834) fez um elogio significativo a essas mulheres, ressaltando as suas vantagens, a sua superioridade e perfeições que o consagraram como escritor e inventor da teoria da mulher de trinta anos.

No livro *Contre Sainte-Beuve*, que Proust (1954/1988) escreveu no período de 1908 a 1910, obra publicada postumamente, Proust afirmou que o método de Sainte-Beuve que se tornou o guia da crítica no século XIX, não é um método eficaz. Esse método consiste em não separar o homem da sua obra, em munir-se de todas as informações possíveis sobre o artista por meio das suas correspondências e de pesquisas sobre a sua vida a partir daqueles que o conheceram e usufruíram da sua companhia. Proust explica:

(...) um livro é o produto de um outro eu e não daquele que manifestamos nos costumes, na sociedade, nos vícios. Aquele eu, se desejamos tentar compreendê-lo, está no fundo de nós mesmos, tentando

recriá-lo em nós é que podemos atingi-lo. Nada pode dispensar-nos deste esforço de nosso coração^v (Proust, 1954/1988, pp. 51-52).

Não é suficiente conhecer a biografia de um escritor para compreendê-lo. É necessário acima de tudo conhecer a sua obra. Para Proust (1954/1988) parece haver dentro do escritor outro eu que também ele desconhece, mas que na solidão necessária à criação o artista busca compreender. O artista julga as coisas por meio desse outro eu, recolocando-se face a face com ele mesmo, esforçando-se para compreendê-lo e por restituir o som do seu coração, das suas intuições, sentimentos, percepções.

Nas críticas proustianas aos escritos de Sainte-Beuve parece que Proust (1954/1988) aproxima o conhecimento do artista a um conhecimento derivado do inconsciente. Para Proust^{vi}, na escrita a inteligência é inferior aos sentimentos, à intuição. De acordo com Proust (1954/1988) Sainte-Beuve não compreendeu o abismo que separa o escritor do homem do mundo “por não ter entendido que o eu do escritor só se mostra nos seus livros, e que ele não mostra aos seres do mundo”^{vii} (p. 55).

Estas ideias de Proust (1954/1988) em relação a esse conhecimento do artista que é superior à inteligência, parece ser algo da ordem de um conhecimento inconsciente, que também independe da inteligência e que se aproxima mais das emoções, da intuição, ou melhor, das impressões que o artista tem da vida e que por meio da arte transmite aos outros homens.

De acordo com Rónai (1994) a biografia do autor esclarece diversos aspectos da criação artística. Apesar de conhecermos hoje minúcias da vida íntima de Balzac, ainda não compreendemos os mistérios da sua genialidade. Investigamos as suas correspondências, entramos em contato com a sua obra, analisamos as suas várias biografias, lemos autores que se dedicaram a estudar Balzac e infelizmente, não nos damos por satisfeitos. Como pontua Rónai: “Acabamos por ter a impressão de ser ele nosso velho conhecido, quase um membro da família – e ao mesmo tempo compreendemos cada vez menos o seu talento, essa monstruosidade que o diferencia dos outros homens” (Rónai, 1994, p. 12).

Concordamos com Bellessort (1946), Bertauld (1946), Hourdin (1950), Baldensperger (1958), Rónai (1994) e Robb (1995) quando eles

ressaltam a importância de conhecermos a biografia do autor, que esse fato pode nos esclarecer muitas coisas sobre vida de Balzac. No entanto, acreditamos assim como Rónai (1994) que esse conhecimento não é suficiente para compreendermos o talento, a genialidade de Balzac, muito menos esse monumento histórico e artístico que ele deixou para a humanidade: *A Comédia Humana*.

As Ambições de Balzac

Dentre as ambições balzaquianas estão o desejo de se tornar reconhecido como um grande escritor de tragédias, um historiador dos costumes franceses, um sociólogo, descrevendo as causas e as consequências dos movimentos históricos da sua época, um filósofo e um conhecedor do ser humano. Balzac buscava a glória e a fortuna. Ele desejava viver de sua pena, queria ser o “Napoleão das letras” como é reconhecido e nomeado no livro de Gengembre (1992), queria fazer concorrência ao registro Civil. Em “*Balzac: le Napoléon des lettres*”, Gengembre (1992), conta a história do escritor, fazendo um paralelo com a história de Napoleão. Balzac nasce em 20 de maio de 1799, seis meses mais tarde, o general Napoleão Bonaparte

tomará o poder. Napoleão será admirado por Balzac e também pelos heróis d'A *Comédia Humana*. Balzac tinha no seu apartamento da Rua Cassini, no ano de 1828, um busto de Napoleão no qual ele colocou um papel com a seguinte frase: “*Ce qu'il a entrepris par l'épée, je l'accomplirai par la plume*” (Gengembre, 1992, p. 37). Frase que explicita o seu desejo de se tornar o imperador da literatura, pois ele expressa, por meio da escrita, que o que Napoleão conquistou com a espada, ele conquistaria com a sua pena. Outro documento no qual Balzac expressa o seu desejo de ser um grande escritor e se compara a Napoleão, é uma carta que ele escreve à Mme. Hanska^{viii}, no dia 6 de fevereiro de 1844, dizendo que quatro homens terão uma vida intensa, Napoleão, Cuvier, O'Connell e que ele quer ser o quarto, uma vez que tem uma sociedade inteira na cabeça^{ix}.

Além disso, sabemos também das suas inúmeras tentativas para se tornar um escritor de peças teatrais. Para Balzac (1842) um escritor para ser completo deve ser o centro intelectual de todas as coisas, deve sintetizar todos os conhecimentos humanos.

De acordo com Castex (1976) *A Comédia Humana* é um monumento romanesco. Nos *Estudos de costumes*,

Balzac quer fazer uma descrição da vida provinciana, da vida parisiense, da vida privada. Castex afirma ainda que Balzac é mais historiador do que romancista, uma vez que os historiadores contemporâneos de Balzac e mesmo os nossos se inclinam a propor esse texto como um documento direto, copiando-o em largos extratos, buscando estabelecer correspondências precisas entre o seu conteúdo e a realidade na qual ele está inserido. Castex (1976) conclui que *A Comédia Humana* oferece aos seus leitores o espetáculo de uma sociedade inteiramente fictícia, mesmo se o romancista associa aos seus personagens fictícios, personagens da vida real. Ele descreve a história social e a história dos costumes, a história pública e a história privada, nos permitindo compreender os jogos das instituições e dos interesses sociais.

Victor Hugo contemporâneo de Balzac foi o primeiro grande escritor a reconhecer publicamente a genialidade de Balzac e o seu valor para a nação francesa, ao fazer o breve discurso em homenagem ao escritor no dia do seu sepultamento. Nesse discurso, pronunciado em 1850, ano em que Balzac morreu, Vitor Hugo afirma:

O Senhor de Balzac era um dos primeiros entre os maiores, um dos

mais altos entre os melhores. Não é este o momento de dizer tudo o que era esta esplêndida e soberana inteligência. Todos os seus livros não formam senão um único livro, livro vivo, luminoso e profundo, em que se vêem ir e vir e caminhar e mover-se, com não sei quê de assustador e de terrível acrescido ao real, toda a nossa civilização contemporânea; livro maravilhoso que o poeta intitulou de comédia e que poderia ter intitulado história^x (Hugo, 1850/1954, Vol. III, p. XI).

Aqui, Vitor Hugo reconhece Balzac não apenas como um grande escritor, mas também como um historiador francês.

Segundo Castex (1976), Balzac queria ser filósofo antes de ser romancista, uma vez que pretendia tudo compreender, tudo explicar e tudo dominar. Ele lê simultaneamente as obras de Buffon e de Walter Scott e afirma, antes de Geoffroy Saint Hilaire que a sociedade se assemelha à natureza e que existem espécies sociais da mesma forma que existem espécies animais. A partir daí ele constrói um sistema da sociedade análogo ao da natureza.

Para Diaz (2003a) Balzac é considerado como um objeto de estudo, mas também, como um cúmplice intelectual capaz, ainda hoje, de nos incitar a pensar. Balzac tem ambições filosóficas e científicas. Ao longo de

toda a sua carreira ele assume a função de um intelectual ambicioso. Ele deseja ser escritor, poeta, pensador. Encontramos n' *A Comédia Humana* um grande número de filósofos, de pensadores fictícios, como Luís Lambert (*Luís Lambert*, 1832-1833), Rafael de Valentin (*A pele de Onagro*, 1831), Daniel d'Arthez (*Ilusões Perdidas*, 1837-1839-1843). *A pele de Onagro* (1831) e *Luís Lambert*, (1832-1833) são os dois pilares filosóficos d' *A Comédia Humana*. Nessas duas obras Balzac constrói teorias sobre o nascimento das ideias e dos pensamentos (Diaz, 2003b). Rafael de Valentin, personagem de *A pele de Onagro* (1831) escreve '*O Tratado da Vontade*'.

Ebguy (2003) afirma que numerosos filósofos se interessam pelas ideias de Balzac e, mais ainda, pela sua ideologia porque elas nos incitam a pensar. A amplitude da ambição balzaquiana e a riqueza de temas encontrados n' *A Comédia Humana* tornam possível um conhecimento sobre o mundo, sobre a sociedade, sobre o homem. A obra de Balzac permite ao discurso filosófico construir um novo conceito de totalidade, no qual a totalidade não é fechada, é aberta. A obra é uma construção simultânea,

tecida de diferentes fragmentos em movimento.

Assim, cada romance ou novela d'A *Comédia Humana* pode ser lido separadamente e compreendido na sua totalidade, uma totalidade aberta, na qual a leitura de um romance separado estimula a leitura de outro, permitindo uma nova articulação e impedindo o fechamento do conjunto.

As Realizações de Honoré de Balzac

A construção e o reconhecimento de Balzac como um grande escritor, só foi possível em decorrência de alguns fatores como a sua persistência em relação ao seu desejo, o seu talento, o apoio da sua família e o seu intenso trabalho.

Desde o início da sua juventude, Balzac tem consciência do seu desejo. Apesar de seus pais, preocupados com a sua segurança e com o seu futuro desejaram e investiram na carreira de notário, que eles acreditavam ser uma carreira promissora, Balzac opõe-se aos desejos dos pais e busca a realização do seu próprio desejo.

Balzac desejou a glória e a fortuna, queria alcançá-las tornando-se o 'Napoleão das letras'. Balzac queria

ser escritor de tragédias, escritor de teatro, filósofo, historiador, político, enfim, o secretário da sociedade francesa. Apesar de desenganado pela família e por um especialista em literatura, em relação ao seu talento, Balzac acredita em si mesmo e comporta-se como o seu personagem Pedro Grassou de Fougères (*Pedro Grassou*, 1840), que ao saber que seu primeiro quadro fora recusado pelo museu do Louvre, solicita ao seu antigo mestre Schinner^{xi}, homem de imenso talento, críticas em relação à sua obra. Em relação ao fracasso de Pedro Grassou o narrador explica:

(...) não teve um desses furores ou um desses acessos de amor-próprio epilético a que se entregam os espíritos soberbos e que às vezes terminam por desafios enviados ao diretor ou ao secretário do museu, por ameaças de assassinio. Fougères apanhou tranquilamente a tela, cobriu-a com o lenço e levou-a para o ateliê, jurando a si mesmo tornar-se um grande pintor (Balzac, 1840a, pp. 608-609)^{xii}.

Consciente de não estar à altura dos grandes escritores, Balzac produz e publica várias obras, mas esconde a sua autoria, fazendo uso de pseudônimos (Lord R'Hoone, Horace de Saint-Aubin). Muitos anos se passarão até que Balzac assumira a sua verdadeira

identidade. É assim que Balzac procura realizar os seus desejos, fazendo e refazendo as suas obras, trabalhando intensamente.

A construção d'*A Comédia Humana* demanda uma vida, uma vez que Balzac se preocupa mais com a sua obra do que com a sua saúde. As várias noites sem dormir, as incansáveis construções e (re) construções da sua escrita, as várias xícaras de café, nas quais ele buscava energia para combater o sono, tudo isso culmina na sua destruição como pessoa, mas ao mesmo tempo o torna imortal.

Neste percurso, temos uma identidade construída à duras penas, decorrente de um incansável e imenso trabalho, mas que por outro lado o permite construir uma sociedade inteira, descrita nos mínimos detalhes, complexa, ambígua, cheia de vícios e virtudes. Uma obra inacabada, mas em pleno movimento, tal qual a história da nossa sociedade.

Na tentativa de analisar quais os campos de saber são contemplados pela obra de Balzac, percebemos que é muito difícil separar um saber do outro e que eles, n'*A Comédia Humana* se

interpenetram. Ao narrar a história da sociedade francesa, Balzac faz na sua '*Comédia*' vários tipos de análises: histórica, filosófica, sociológica, psicológica e política. Apesar de desejar ser um escritor de tragédias, na verdade, Balzac torna-se um grande escritor de romances, o que naquela época, ainda era considerada uma escrita inferior.

Ao questionarmos quem foi Honoré de Balzac, não nos restam dúvidas em relação à importância da sua criação para a compreensão dos acontecimentos históricos e sociais da França, no período que vai da Revolução Francesa até a Monarquia de Julho. Percebemos que a história da vida do autor talvez não seja suficiente para explicar e compreender a sua obra. Mas com certeza o artista recorre às suas vivências e experiências no decorrer da sua produção. Acreditamos ainda que na confecção da sua obra possamos encontrar vestígios de um conhecimento inconsciente do autor, pois algumas coisas lhe escapam, sendo que elas muitas vezes vão além da sua própria capacidade de compreensão.

Referências

Balzac, H. (1831b). A pele de Onagro. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. XV, 3 ed.). São Paulo: Globo.

Balzac, H. (1831-1834a). A mulher de trinta anos. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. III, 3 ed.). São Paulo: Globo.

Balzac, H. (1832-1833). Luís Lambert. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. XVII, 3 ed.). São Paulo: Globo.

Balzac, H. (1837-1839-1843). Ilusões perdidas. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. VII, 3 ed.). São Paulo: Globo.

Balzac, H. (1840a). Pedro Grassou. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. IX, 3 ed.). São Paulo: Globo.

Balzac, H. (1840b). Pierre Grassou [En ligne]. Em Balzac, H. (1976-1981). *La Comédie humaine*. Paris: Furne. [Consultation du 6 juillet 2011]. Disponible sur internet: <http://www.paris.fr/musees/balzac/furne/presentation.htm>

Balzac, H. (1842). Prefácio de Balzac à Comédia Humana. Em Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. XVII, 3 ed.). São Paulo: Globo.

Balzac, H. (1842-1844/1906). *Lettres à l'Étrangère 1842-1844*. Tome deuxième. Paris : Calmann-Lévy. Éditeurs. Gallica.bnf.fr/Bibliothèque nationale de France.

Balzac, H. (1989-1994). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. 17 Vol. (previstos). Tradução de Vidal de Oliveira [et alli]. (Vol. I, 3 ed.) São Paulo: Globo.

Baldensperger, F. (1958). "Balzac escritor universal". (B. Xavier, Trad.). *A Comédia Humana*, (Vol. IV, pp. XXII-XXXI).

Baudoin, P. (2005). 1850 ou l'éclatement des identités politiques de Balzac. Em Cullman, E. ; Diaz, J.-D. & Lyon-Caen, B. (2005). *Balzac et la crise des identités*. Saint-Cyr-sur-Loire: Christian Pirot.

Bellessort, A. (1946). *Balzac et son œuvre*. Paris: Librairie Académique Perrin, 10^{ème} ed.

Bertauld, P. (1946). *Balzac: l'homme et l'œuvre*. Paris, Hatier Boivin.

Castex, P.-G. (1976). L'Univers de « La Comédie Humaine ». Em Balzac, H. (1976-1981). *La Comédie Humaine*. Edition publiée sous la direction de Pierre-Georges Castex. Tome I . Paris : Gallimard, Bibliothèque de La Pléiade.

Cerfberr, A. & Christophe, J. (1888). Répertoire de La Comédie Humaine. Em *La Comédie Humaine : Dictionnaire des personnages*. Paris: Classiques Garnier.

Davin, F. & Balzac, H. (1835/2007). *Estudos de costumes no século XIX*. Organização, tradução, estudo introdutório e notas de Terezinha de Camargo Viana. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Diaz, J.-L. (2003a). Penser avec Balzac. Em Diaz, J.-L. & Tournier, I. (2003). *Penser avec Balzac*. Saint-Cyr-sur-Loire: Christian Pirot.

Diaz, J.-L. (2003b). Penser la pensée. Em Diaz, J.-L. & Tournier, I. (2003). *Penser avec Balzac*. Saint-Cyr-sur-Loire: Christian Pirot.

Diaz, J.-L. (2006). Devenir Balzac. Em Barel-Moisan, C. & Diaz, J.-L. (2006). *Balzac avant Balzac*. Saint-Cyr-sur-Loire: Christian Pirot.

Ebguy, J.-D. (2003). Le Balzac des philosophes. Em Diaz, J.-L. & Tournier, I. (2003). *Penser avec Balzac*. Saint-Cyr-sur-Loire: Christian Pirot.

Gengembre, G. (1992). *Balzac le Napoléon des lettres*. Paris: collection Découverts Gallimard.

Hourdin, G. (1950). *Balzac Romancier des Passions*. Parris: Temps Present.

Hugo, V. (1841-1851). Funérailles de Balzac. Em Actes et paroles, I Avant L'exil. Œuvres complètes de Victor Hugo. Paris: J. Hetzel & Cie a Quantin, (pp. 531-535). Gallica.bnf.fr/Bibliothèque nationale de France

Hugo, Victor. (1850/1954). Balzac. Discurso pronunciado no funeral do escritor, por Victor Hugo. Em Balzac, H. (1946-1955) *A Comédia Humana*. Introduções, Notas e orientação de Paulo Rónai. (Vol. III, 3 ed.). Tradução de Casimiro Fernandes, Vidal de Oliveira e Wilson Lousada. (pp. IX-XIII). Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo.

Proust, M. (1954/2010). *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Gallimard.

Proust, M. (1954/1988). *Contre Sainte-Beuve. Notas sobre crítica e literatura*. (H. Ramanzini, Trad.). São Paulo: Iluminuras.

Robb, G. (1995). *Balzac: uma biografia*. (H. Feist. Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Rónai, P. (1994). A vida de Balzac. Em Balzac, H. (1946-1959). *A Comédia Humana*. Orientação, introduções e notas de Paulo Rónai. Tradução de Vidal de Oliveira. (Vol. I, 3 ed.). São Paulo: Globo.

Sainte-Beuve (1850/1955). Balzac por Sainte-Beuve. Em Balzac, H. (1946-1955) *A Comédia Humana*. Introduções, Notas e orientação de Paulo Rónai. (Vol. V, 3 ed.) Tradução de Gomes da Silveira e Joaquim Novaes Teixeira. (pp. XIII-XXX). Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo. (Primeira publicação em 1850).

Victor, N. (1954). “H de Balzac”. Em Balzac, H. (1946-1955) *A Comédia Humana*. Introduções, Notas e orientação de Paulo Rónai. (Vol XIV, 3 ed.). Tradução de Gomes da Silveira e Joaquim Novaes Teixeira. (pp. XIX-XXIX). Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo.

Notas de Rodapé

ⁱ *A Comédia Humana*, de Honoré de Balzac (1799-1850) é uma história fictícia das relações entre os homens na França. Trata-se de uma obra dinâmica e inacabada. É um conjunto de mais de oitenta romances, articulados e organizados pelo retorno dos personagens, nos quais mais de dois mil personagens têm uma vida social na qual se encontram, falam da vida alheia, enfim, se relacionam. Balzac se propõe na sua ‘*Comédia*’ a relatar os costumes e os modos de vida de seus contemporâneos, a fazer um inventário social e histórico da França no século XIX.

ⁱⁱ A son insu, qu’il le veuille ou non, qu’il y consente ou non, l’auteur de cette œuvre immense et étrange est de la race des écrivains révolutionnaires. Balzac va droit au but. Il saisit corps à corps la société moderne. Il arrache à tous quelque chose, aux uns l’illusion, aux autres l’espérance, à ceux-ci un cri, à ceux-là un masque. Il foille le vice, il dissèque la passion. Il creuse et sonde l’homme, l’âme, le cœur, les entrailles, le cerveau, l’abîme que chacun a en soi (Hugo, 1841-1851, pp.532-533).

ⁱⁱⁱ Vers l’âge de trente ans, un écrivain doté d’une petite notoriété révèle au public qu’il ne s’appelle pas Honoré Balzac, mais Honoré de Balzac (...). Cette particule usurpée sera sienne pour l’éternité. Il a conquis à la pointe de la plume (Gengembre, 1992, p.13).

^{iv} Mais ne serait-ce pas une fausse idée que de croire à tant d’expérience chez un aussi jeune homme ? Le temps lui aurait manqué (...). Non, M. de Balzac doit procéder par intuition, cet attribut le plus rare de l’esprit humain (Davin & Balzac, 1935/1976, p. 1156).

^v (...) qu’un livre est le produit d’un autre *moi* que celui que nous manifestons dans nos habitudes, dans la société, dans nos vices. Ce moi-là, si nous voulons essayer de le comprendre, c’est au fond de notre cœur (Proust, 1954/2010, p.127).

^{vi} La méthode de Sainte-Beuve n’est peut-être pas au premier abord un objet si important. Mais peut-être sera-t-on amené, au cours de ces pages, à voir qu’elle touche à de très importants problèmes intellectuels, peut-être au plus grand de tous pour un artiste, à cette infériorité de l’intelligence dont je parlais au commencement. E cette infériorité de l’intelligence, c’est tout de même à l’intelligence qu’il faut demander de l’établir. Car si l’intelligence ne mérite pas la couronne suprême, c’est elle seule qui est capable de la décerner. Et si elle n’a dans la hiérarchie des vertus que la seconde place, il n’y a qu’elle qui soit capable de proclamer que l’instinct doit occuper la première (Proust, 1954/2010, p. 50).

^{vii} “pour n’avoir pas compris que le moi de l’écrivain ne se montre que dans ses livres, et qu’il ne montre aux hommes du monde” (Proust, 1954/2010, p. 133).

REFLEXÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO DE BALZAC E DO VALOR D'A COMÉDIA HUMANA PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS

^{viii} Mme. Hanska : Eveline Hanska pertencia a uma família polonesa histórica, os Rzewuski. Em 1819 casou-se com um homem 20 anos mais velho do que ela, o conde Wenceslas Hanski. Em 1832 enviou uma carta à Balzac, na qual assinou : 'A estrangeira', passando a fazer parte dos sonhos do escritor. A princesa Hanska torna-se Madame de Balzac seis meses antes da morte do escritor (Robb, 1955).

^{ix} En somme, voici le jeu que je joue. Quatre hommes auront eu une vie immense : Napoléon, Cuvier, O'Connell, et je veux être le quatrième. Le premier a vécu de la vie de l'Europe ; il s'est inoculé des armées ! Le second a épousé le globe ! Le troisième s'est incarné un peuple ! Moi, j'aurai porté une société toute entière dans ma tête (Balzac, 1842-1844/1906, pp. 301-302).

^x M. de Balzac était un des premiers parmi les plus grands, un des plus hauts parmi les meilleurs. Ce n'est pas le lieu de dire ici tout ce qu'était cette splendide et souveraine intelligence. Tous ses livres ne forment qu'un livre, livre vivant, lumineux, profond, où l'on voit aller et venir et marcher et se mouvoir, avec je ne sais quoi d'effaré et de terrible mêlé au réel, toute notre civilisation contemporaine ; livre merveilleux que le poète a intitulé comédie et qu'il aurait pu intituler histoire (Hugo, 1841-1851, p 532).

^{xi} Schinner: ilustre pintor d'A *comédia humana*. Apaixona-se por Adelaide em A bolsa (1832). (Cerfberr & Christophe, 1888).

^{xii} (...) il ne tomba point dans ces fureurs ou dans ces accès d'amour-propre épileptique auxquels s'adonnent les esprits superbes, et qui se terminent quelquefois par des cartels envoyés au directeur ou au secrétaire du Musée, par des menaces d'assassinat. Fougères reprit tranquillement sa toile, l'enveloppa de son mouchoir, la rapporta dans son atelier en se jurant à lui-même de devenir un grand peintre (Balzac, 1840b, p. 67).

A autora:

Elzilaine Domingues Mendes é Psicóloga Clínica, Professora Adjunta da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, Doutora pela Universidade de Brasília, com Estágio Doutoral na Université Lyon 2, e.mail: elzilained@yahoo.com.br